

A EXPANSÃO DO AGROHIDRONEGÓCIO NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL: O CERRADO BAIANO E A LUTA POR UMA EMANCIPAÇÃO HUMANA

The Expansion of hydroagricultural business in Northeastern Brazil: the savanna region of Bahia state and the struggle for human emancipation

La expansión de agrohidronegocio en el noreste de Brasil: el cerrado de Bahía y la lucha por la emancipación humana

Cíntia dos Santos Linsⁱ
Universidade Estadual do Piauí - Brasil

Gerardo Facundo de Souza Netoⁱⁱ
Faculdade Terra Nordeste - Brasil

RESUMO

A expansão do agrohidronegocio no Brasil aceleram as disputas territoriais no Nordeste brasileiro. Esse relatório de campo tem como objetivo demonstrar como as transformações territoriais, econômicas e políticas não necessariamente provocam emancipação humana para aqueles que habitam os territórios transformados. Utiliza-se metodologia exploratória a partir de entrevistas com roteiros semiestruturados. Assim analisa-se o discurso e procura-se entender um pouco da realidade do Cerrado baiano.

Palavras-chave: agrohidronegocio; Oeste baiano; transformações territoriais.

ABSTRACT

The expansion of hydroagricultural business in Brazil has accelerated territorial contests in the Northeast region. This report aims to demonstrate how territorial, economic, and political transformations not always promote human emancipation to those who live in modified territories. The method is based on interviews with semi-structured questionnaires. Hence, the speech is analyzed to understand the reality of Bahia's Cerrado.

Keywords: agro-hydro-business; western Bahia; territorial; transformations.

RESUMEN

La expansión del agrohidronegocio en Brasil acelera las disputas territoriales en el noreste del Brasil. Este informe de campo tiene como objetivo demostrar cómo los cambios territoriales, económicos y políticos ni siempre son responsables por la emancipación humana de los que habitan en estos territorios. Se utiliza una metodología de exploración a partir de entrevistas semiestructuradas. Así que se analiza el discurso y se busca entender un poco la realidad del Cerrado baiano.

Palabras clave: agrohidronegocio; Bahia Western; transformaciones territoriales.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho compõe relatório de campo da pesquisa intitulada "Disputas territoriais e conflitos sociais no campo: a expansão do agrohidronegocio no Nordeste do Brasil". A pesquisa é desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual do Piauí e tem como objetivo analisar o processo de expansão da atividade agropecuária na região Nordeste tendo como foco central as disputas por terra e água.

Como área de estudo, delimitou-se as se destacam na produção de grãos e frutas

tropicais. Assim, a região de Uruçuí (PI), Balsas (MA) e Barreiras (BA) para a produção de grãos, além do Baixo Jaguaribe (CE) e Juazeiro/Petrolina (BA/PE) para a produção de frutas tropicais. O trabalho de campo foi realizado no período de 15 a 28 de outubro de 2013 e contemplou parte do município de Formosa do Rio Preto (região de Barreiras - BA¹).

O Oeste baiano possui uma área de aproximadamente 14 milhões de hectares e, recentemente, tornou-se uma das principais fronteiras agrícolas do Estado. Esse processo foi

iniciado entre as décadas de 1980 e 1990, momento em que

a região conheceu uma expansão agropecuária sem precedentes, e devido ao crescimento significativo nas áreas de grãos, cultivos perenes e na agricultura irrigada, produziram-se importantes transformações, principalmente no que se refere ao uso e ocupação da terra. O desenvolvimento dessa atividade fez da Bahia um importante produtor nacional de grãos, café, carnes, frutas e fibras (MENDONÇA, 2006, p. 38).

A vegetação de cerrados, cerca de oito milhões de hectares (e, com menos de dois milhões aproveitados - Mendonça, 2006), associados ao clima e à disponibilidade hídrica (rios perenes e grande possibilidade de extração de água subterrânea) formam a combinação perfeita para a atração de grandes empresas produtoras de grãos. Os municípios que se destacam são: Barreiras, Luis Eduardo Magalhães, São Desidério, Correntina, Riachão das Neves, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Caribe e Cocos.

Formosa do Rio Preto é o maior município do Estado da Bahia em área territorial, com aproximadamente 16.303,864km² de extensão e possui uma população de aproximadamente 24.799 habitantes (estimativa do IBGE para o ano de 2013), com densidade demográfica de 1,38 hab/km². De acordo com o Atlas Brasil (2013), organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,618, e a Incidência da Pobreza chega a 41,83%.

A economia do município fundamenta-se basicamente na produção agrícola do cerrado,

onde se destaca a produção de soja, milho e algodão. Ao todo, são aproximadamente 1 milhão de ha de terras agricultáveis, mas que, de acordo com os dados da Produção Agrícola Municipal - PAM (IBGE, 2012) com apenas 395.713ha aproveitados com lavoura temporária e 520ha de terras aproveitados com lavoura permanente são mais de 312.000ha de terras destinados à produção de mais de um milhão de toneladas dessa *commodity* somente para o ano de 2012.

Produtos como o milho e arroz também se destacam na lavoura temporária. São grãos produzidos, em sua maioria, por empresas do agronegócio, mas pequenos produtores também destinam parte de suas terras à plantação dessas lavouras. Entretanto vale elucidar que por ausência/insuficiência de políticas de abastecimento de água, bem como a execução de técnicas inadequadas de “tratamento do solo” (queimadas, por exemplo) e irregularidade das chuvas (constantes e intensas secas), em anos de insuficiência de pluviosidade os pequenos produtores acabam não tendo uma produção de grãos adequada para a sua sobrevivência.

DESENVOLVIMENTO

Os trabalhos de campo são de fundamental importância para que possamos atingir os objetivos almejados na pesquisa. Através deles teremos a oportunidade de complementar e/ou confrontar as informações obtidas nessa atividade como àquelas adquiridas a partir de leituras e da coleta de dados estatísticos. Os passos metodológicos para a realização de um trabalho de campo na concepção dessa pesquisa

se organiza inicialmente com uma visita técnica aos municípios que se tem como principal fonte econômica a produção de grãos, em seguida, as áreas voltadas à produção de frutas tropicais.

O objetivo desta atividade é compreender e acompanhar diretamente os conflitos e as disputas por terra e água nas regiões voltadas ao agrohidronegócio. Isso é possível a partir da realização de entrevistas (estruturadas e semiestruturadas) e grupos focais com a população residente nessas áreas.

Inicialmente realizou-se entrevistas com os moradores das comunidades rurais com intuito de obter informações sobre o modo de produção agrícola; o acesso à terra e água, além do mercado de trabalho formal nas empresas agrícolas. Concentrou-se a análise nas comunidades de Inhumas, Intans, Passagem da Areia, Piripiri, Buritizinho, Caraíbas do Vazante e Tábuas.

A primeira comunidade visitada durante o trabalho de campo foi Inhumas. Nesta comunidade conversamos com aproximadamente 3 famílias, reunidas na casa de um dos moradores do pequeno povoado. Segundo relatos dos habitantes, residem na Inhumas aproximadamente 12 famílias, que sofrem dos mesmos problemas: falta de água, transporte, saúde e deficiência na educação. Os moradores foram unânimes em comentar que plantaram no ano de 2012 produtos como milho, feijão e mandioca, mas que perderam praticamente toda a produção por falta de água, já que não dispõem de nenhum sistema de irrigação e a colheita depende totalmente da quantidade de chuvas.

Ao questionarmos sobre como funciona o abastecimento de água na comunidade, os moradores alegaram que simplesmente não existe água encanada e dependem da construção de cisternas (cacimbas) e da política de carros-pipa. Os moradores também argumentam que foi construído um poço na comunidade, mas que não possui motor para extrair água. Apenas uma família usufrui desse poço por ter comprado e instalado uma pequena bomba para retirar água para os animais.

Água aqui é uma cisterninha que a gente tem ali em casa mesmo. Um tempo desse a gente tem inverno fraco, mas pouca. É um pouco que dá só pra gente beber. Uma coisa que a gente podia ter era um poço. Tem um poço ali, mas prometeram de instalar e até hoje. Tá só o poço, mas não tem motor, não tem nada. O motor que tem foi um rapaz ali que colocou pra poder dar de beber o gado dele. Mas não tem força não (Morador da Comunidade Intans, 2013).

Atualmente a principal fonte de água que a comunidade dispõe é a advinda de carros-pipa. Moradores relataram que trata-se de um projeto do exército, coordenado pela Prefeitura Municipal, que distribui água para as comunidades.

Em Passagem da Areia a situação vista em Inhumas se repete. Moradores que dependem do caminhão-pipa para abastecer suas caixas d'água; dependem de um regime de chuvas normal para um bom plantio; diferencial da comunidade é a presença de um pequeno açude quase seco neste período devido à ausência de chuvas, mas que ainda serve à dessedentação de animais.

Aqui a região pra água é péssima. Tá vindo na pipa. Aqui tinha uma encanação de um poço, num projeto do governo misturado com a prefeitura, mas só foi o projeto. Água nada! Foi construído, mas a água vem mesmo é de caminhão. Essa água chega de 8 em 8 dias. Deixa mais ou menos uns 700l. É de acordo com a quantidade de tambor que a pessoa tem. Eles dão até mil litros. O pipa vem e eles distribuem pra 10 ou até mais famílias (Morador da Comunidade de Passagem da Areia, 2013).

Sobre a questão da plantação, um dos moradores respondeu que não plantou mais. Como a região é grande produtora de soja e precisa de mão de obra, optou em abrir uma pequena firma e contrata trabalhadores para a execução de atividades nas fazendas do agronegócio. Perguntamos sobre as condições de trabalho e o mesmo comentou que é uma rotina difícil, mas é a que está conseguindo sustentar a família, já que não pode depender da água pra poder plantar e tirar o sustento de casa. A jornada de trabalho começa as 4:30 e só termina depois das 17:00, mas o morador destacou que exige o descanso no horário de almoço. Param o trabalho as 11:30 e retornam as 13:30. E comentou que algumas empresas querem que esse intervalo não aconteça ou que seja diminuído, mas não abre mão desse pequeno descanso.

Na comunidade de Piripiri, segundo os entrevistados a situação só não é pior por conta de uma pequena barragem (que está também quase secando) e das cisternas, que conseguem captar um pouco mais de água por serem mais profundas e por terem bomba.

A água utilizada para beber vem do carro-pipa, mas o mesmo também não passa com

tanta frequência. “Quem depende de pipa passa sede, aqui mesmo tá ruim é de água. Aqui a gente tem que ir buscar na Formosa. Tem poço, tem energia, mas não tá instalado e isso já tem mais de 10 anos” (Morador da Comunidade de Piripiri, 2013). As cisternas da comunidade estão em processo de seca, os moradores não tem condições financeiras para aprofundar o poço, então acabam dependendo do carro pipa para o abastecimento de água.

Em Buritizinho o acesso à comunidade é dificultado devido a falta de infraestrutura das estradas. As residências também ficam longe umas das outras, o que dificulta até mesmo o contato entre os residentes. Nesta comunidade os relatos iniciaram-se sobre a criação de gado e de pequena plantação. “A água não chega! Não existe nenhum tipo de política pública que faça a captação de água dos rios para as comunidades” (Morador da Comunidade de Buritizinho, 2013).

Os carros pipa passam de 8 em 8 dias, mas algumas vezes demoram mais que isso. A metodologia de distribuição é a mesma. Os moradores que possuem caixa d’água deixam as mesmas nas porteiras das residências. Entretanto, algo que chamou a atenção foram as formas de armazenamento dessa água. Nem sempre as caixas e os galões são higienizados e ficam junto dos animais, o que compromete a qualidade da água e a saúde dos que a consomem, já que a mesma não passa por nenhum tipo de tratamento.

A família entrevistada reside no local há 18 anos. Iniciamos a conversa perguntando se eles gostam de morar naquela comunidade, e a resposta de imediato foi um sim.

Eu gosto de morar aqui! Eu não gosto da cidade, não. Eu gosto de mexer em roça, de plantar um pé de árvore. Eu não dou certo com cidade. Pra sobreviver em cidade tem que ter dinheiro e isso é coisa que nós não tem. E se for pra cidade? Quem vai cuidar das terras? Ia ter que ficar um longe do outro (Morador da Comunidade de Buritizinho, 2013).

No que diz respeito à água, as condições são as mesmas das demais. Possui uma cisterna, mas que não dá conta porque é rasa. A água do poço que existe próximo não é de qualidade (comentaram que era salobra) e dependem do carro pipa, que deixa aproximadamente 500 litros de água a cada 8 dias. Para lavar roupa, aquela família desloca-se até uma barragem que fica distante da residência (aproximadamente 1 hora de caminhada).

E continuou:

Aqui a situação da gente é muito difícil. Sempre foi muito difícil porque nós somos esquecidos. Aqui a sorte nossa é que nós temos um jumentinho pra carregar a água, porque nós já tivemos que buscar água até no Piauí no lombo do jumento. Aqui a gente já passou até 26 dias sem vir água (Morador da Comunidade de Buritizinho, 2013).

Mesmo com tanta limitação física, com a ajuda de um dos filhos a terra já está preparada “esperando as chuvas”. No ano passado plantou pouco e colheu pouco. Além do abastecimento do carro pipa, a família conta com uma pequena cisterna, mas comenta que não é suficiente. “É rasa demais e para cavar pelo menos mais um metro custa pelo menos R\$ 80,00” (Morador da Comunidade de Buritizinho, 2013). Na comunidade de Caraíbas da Vazante, o “filme” se repetia. Insuficiência de água, ausência de

energia e uma educação deficiente por conta das estruturas destinadas àquele local.

Em Tábuas conversamos com moradores que estavam “de passagem” por outras comunidades. Neste povoado foram implantados duas caixas d’água grandes para abastecer de água as comunidades mais próximas, entretanto a bomba instalada não tinha força suficiente para abastecer todas as comunidades e a água acabava ficando apenas nas áreas próximas as caixas d’água.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito que observar e analisar neste município para tentarmos entender a lógica capitalista ali implantada. De um lado o desenvolvimento (na verdade crescimento) por conta da produção de grãos, mas no outro estagnação econômica por se pensar apenas em determinado segmento (agronegócio) e esquecer (excluir) quem realmente gera renda e deixa renda no município: a população. Apenas conhecendo o mínimo daquela área (sim, o mínimo! Já que se trata do maior município do Estado da Bahia!) foi possível notar as condições subumanas vivenciadas por aquela população no que diz respeito ao bem mais preciso e necessário à vida: a água.

Uma série de agravos foram detectados a partir do depoimento dos moradores: a água é utilizada para beber e antes de ser disponibilizada para a população não passa por nenhum tipo de tratamento; para que a água seja disponibilizada, os moradores precisam colocar, na frente de sua residência, caixas d’água para servirem de depósito; o serviço não acontece com regularidade. os moradores que,

no dia de abastecimento das caixas d'água não tiverem com seus recipientes à margem da estrada não recebem água e aqueles que não possuem caixas d'água dependem da disponibilidade e solidariedade dos vizinhos que possuem.

Água que falta em todos os aspectos: qualidade e quantidade. Muitos atribuem a sua escassez “à vontade de Deus”, mas preferimos acreditar que a escassez ali existente é fruto da ausência de políticas públicas de distribuição de água, já que um dos pontos relatados no vídeo assistido comenta que Formosa do Rio Preto possui uma “hidrografia privilegiada”. Onde está essa água? Onde estão as políticas públicas? A quem serve esta água? Essas, infelizmente são questões que, com muito estudo e reflexão precisamos/procuraremos responder.

NOTAS

ⁱ Geógrafa; Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp, campus de Presidente Prudente); Professora da Universidade Estadual do Piauí (Uespi).

Email: lins0307@gmail.com.

ⁱⁱ Geógrafo; Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor da Faculdade Terra Nordeste (Fatene).

E-mail: emaildogerardo@gmail.com.

¹ É importante salientar que as informações contidas neste relatório são baseadas em relatos de moradores do município e comparadas/complementadas com dados obtidos pelo IBGE.

REFERÊNCIAS

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Produção Agrícola Municipal*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

MENDONÇA, Jackson. O potencial de crescimento da produção de grãos do Oeste da Bahia. *Bahia Agrícola*, v. 7, n. 2, p. 38-46, abr. 2006.